



## Incentivos e Escolhas

Luís Cabral  
lcabral@stern.nyu.edu

# A MALDIÇÃO DOS RECURSOS E A FUNÇÃO PÚBLICA

**Onde estaria a economia portuguesa se o Estado não fosse a 'esponja' de recursos que tem sido desde há décadas? Não tenho dúvidas de que poderia oferecer muitos dos empregos que agora faltam**

**A**o longo do século XX, vários economistas mostraram que os países com mais abundantes recursos naturais nem sempre são os países mais ricos. Aliás, a riqueza em recursos explica muito pouco da variabilidade do crescimento económico.

Por um lado, a abundância de recursos tem um efeito positivo: o dinheiro é sempre bem vindo! Por outro lado, a promessa da riqueza fácil leva a uma série de efeitos perversos: corrupção; conflitos internos que podem chegar mesmo à guerra civil; dependência excessiva de um produto com preço internacional variável; e a crise dos sectores económicos 'tradicionais' (isto é, os que não estão ligados à exploração do recurso em questão).

Os casos concretos incluem o gás natural na Rússia e o petróleo na Nigéria, mas estou certo de que o leitor se lembra de mais exemplos — infelizmente a lista é longa.

Quanto aos efeitos perversos, não são precisas grandes explicações sobre a corrupção e a guerra civil. Pelo contrário, vale a pena clarificar o problema do desvio de recursos. Suponhamos que a Nigéria descobre petróleo no valor de 100 e que basta uma pessoa para tratar da exploração e exportação do recurso. No entanto, 20 empresários decidem dedicar-se ao ouro negro. Cada um fica com cinco, a

**A febre da corrida aos fundos ("anda tudo ao mesmo") absorveu muitos recursos humanos que poderiam ter sido mais bem aplicados**

sua 'fatia do bolo' do petróleo. Do ponto de vista individual, isto compensa: cinco é mais do que o empresário médio ganha no sector tradicional. No entanto, de um ponto de vista colectivo isto é um desastre: o valor social acrescentado pelos recursos humanos atraídos para o petróleo é nulo; pelo contrário, perde-se a contribuição de 19 empresários para o sector tradicional.

Aparentemente, isto nada tem a ver com Portugal: "Há Petróleo no Beato" fez grande sucesso, mas apenas como obra de ficção. No entanto, lembro-me de dois exemplos que partilham a mesma estrutura (isto é, um efeito directo positivo e uma série de efeitos negativos, porventura de maior dimensão).

O primeiro exemplo é o dos fundos estruturais da União Europeia. Em certo sentido, este foi o 'petróleo' da economia nacional durante anos e anos. Tal como na Nigéria, a promessa de dinheiro fácil atraiu toda uma geração de portugueses. Independentemente de ter ou não ter havido corrupção na atribuição dos dinheiros, é inegável que muitos projectos tiveram um valor marginal baixo. Pior do que isso, a febre da corrida aos fundos ("anda tudo ao mesmo") absorveu muitos recursos humanos que poderiam ter sido mais bem aplicados.

O segundo exemplo é igualmente trágico: a função pública. Durante décadas, condições de contratação e remuneração relativamente favoráveis atraíram milhares e milhares de funcionários, frequentemente pessoas com formação profissional muito boa ou mesmo excepcional. Individualmente, não fazem mais do que responder a incentivos, isto é, actuam de acordo com o que é individualmente óptimo. A tragédia é que, na prática, a contribuição marginal de muitos funcionários públicos é manifestamente inferior à que teriam noutra empresa.

Chegados aqui, suspeito que vários leitores perguntarão: e onde estão esses outros empregos? Para compreender a resposta, há que mudar o tempo verbal do presente do indicativo para o condicional: onde estaria a economia portuguesa se o Estado não fosse a 'esponja' de recursos que tem sido desde há décadas? Não tenho dúvidas de que estaria na posição de oferecer muitos dos empregos que agora faltam.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da AESE

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia



**LUÍS CABRAL**  
O Estado  
como “esponja  
de recursos”